

CLASSICISMO NO ENSINO MÉDIO: UM MOVIMENTO PARA RENASCER O DESEJO LITERÁRIO NOS ESTUDANTES

Kawane Isabely Pereira (UEL)

Letícia Palazzio (UEL)

RESUMO: O trabalho apresenta um relato com as metodologias e os resultados de uma proposta de ensino-aprendizagem envolvendo o período renascentista em Portugal, aplicada aos alunos do 1º ano do Ensino Médio durante o estágio do último ano de graduação em Letras Português. O objetivo foi levar o aluno à reflexão sobre como as artes plásticas e a literatura refletem o espírito de uma época. Para contextualizar o conteúdo, analisamos as pinturas/afrescos de Michelangelo (1511), Botticelli (1484) e Figueiredo (1462), discutindo as principais características que contemplam o período estudado. No que diz respeito à análise literária, utilizamos o Canto V da obra *Os Lusíadas* de Camões, compreendendo a sua estrutura, os temas evocados e os traços épicos. As contribuições teóricas de Massaud Moisés (1999) foram fundamentais para respaldarmos a nossa transposição didática, bem como as aulas de estágio auxiliaram na escolha da metodologia adotada.

PALAVRAS-CHAVE: Período Renascentista; Literatura; Ensino Médio.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar embasamentos teóricos e resultados metodológicos no desenvolvimento do Estágio Curricular Obrigatório, realizado em dupla, pela Universidade Estadual de Londrina, executado no ano de 2023, em duas turmas do 1º ano do ensino médio (doravante MC e MD¹), juntamente com o professor regente, totalizando 30 horas de observação e regência. Diante do curto período, não conseguimos criar um vínculo tão forte quanto gostaríamos com os estudantes, no entanto, fizemos o máximo para incluir todos (as) e os (as) convidamos para se engajarem nesse processo conosco.

Uma vez que os docentes da educação básica do Estado do Paraná necessitam seguir um conteúdo pré-planejado pelo Governo Estadual, o RCO (Registro de Classe Online), o professor regente nos atribuiu o conteúdo de literatura, até mesmo pensando que não tivemos a oportunidade de trabalhar com o tema em outra fase do estágio. Logo, já começamos a pensar em formas didáticas e inspiradoras para instigar os estudantes nessa etapa que

¹ Tais nomenclaturas servem apenas para diferenciar os agrupamentos dos alunos em determinada sala de aula no ensino médio.

envolveu o período renascentista. Para isso, elencamos os períodos que o antecederam, bem como suas diferenças e particularidades sócio-históricas, interligando-as com análises literárias.

Partindo do princípio de que nossa aula precisaria se encaixar no que o RCO exige, visto que após determinadas regências os alunos precisam realizar um *quiz*², comprovando o conteúdo ministrado, buscamos juntar tais temas com as nossas próprias definições de literatura e de ensino-aprendizagem. Com isso, encontramos na BNCC uma competência que engloba nossa expectativa com o tema proposto, sendo ela a Competência Específica EM13LP01 de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, que busca:

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/ escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações (BNCC, 2018, p. 506).

Tendo isso em vista, propusemos uma verificação com os estudantes sobre o que eles se lembravam a respeito dos movimentos anteriores, sendo eles: Trovadorismo e Humanismo. A partir das respostas apresentadas, conseguimos dar encaminhamento para o período renascentista. O principal intuito foi fazer com que os estudantes percebessem que os movimentos literários não são algo que tem uma ruptura brutal, mas são criados gradativamente, isto é, evoluindo e carregando traços dos seus antecessores. Para conduzir tal reflexão, foi necessário realizar o estudo da teoria dos três movimentos.

Outro ponto a ressaltar é que conseguimos mostrar que a literatura é atemporal, isto porque buscamos trazer as escolhas literárias apresentadas relacionando-as com o nosso contexto social e instigando o senso crítico neles. Também utilizamos outras formas de arte, como pinturas e esculturas, além do uso do letramento multimodal, em virtude de músicas e vídeos que foram colocados durante as aulas como tentativa de chamar ainda mais a atenção dos estudantes, instigando o renascimento do desejo literário neles.

² Trata-se de uma ferramenta adicional na aprendizagem dos alunos, implementada pela Secretaria de Estado da Educação (SEED- PR). A plataforma online consiste em questões objetivas de diferentes formatos propostas pela SEED-PR. O professor também pode propor outras atividades na plataforma durante suas aulas.

O processo final foi um momento de escrita e oralidade (para alguns), prática que permitiu evidenciar quem captou os elementos e a essência do movimento literário estudado. E assim, apresentando soneto de Camões, pinturas de Michelangelo e ouvindo Legião Urbana, que conseguimos estudar o Renascimento como um movimento intelectual, filosófico e literário com as turmas de Ensino Médio.

1 Estudando a teoria por Massaud Moisés

Buscando preparar a aula sobre o período renascentista, utilizamos a teoria de Massaud Moisés, professor que foi um dos introdutores dos estudos de literatura portuguesa no Brasil, com grandes obras de referência do Renascimento em Portugal. De acordo com seu texto *A literatura portuguesa* (1999), o Renascimento surgiu como desenvolvimento natural do Humanismo, isso porque já nesse movimento que o antecedeu se encontravam algumas características, como o saber concreto, científico e objetivo. Mas, apenas no Renascimento, houve de fato um maior afastamento dos ideais teocêntricos, prevalecendo o humano ao invés do divino.

Para Moisés (1999), o Renascimento procurava a Beleza, o Bem e a Verdade, nas palavras do autor “O clássico procura entender a harmonia do Universo, e dela participar, utilizando o único meio possível para isso, a Razão ou a inteligência.” (1999, p. 51), desse modo, a razão exerce sobre a emoção uma espécie de controle, a fim de evitar exageros. Outro ponto a ressaltar da explanação do autor são os escritores destacados ao longo das suas obras. Por exemplo, ao tratar de poesia, Moisés traz dois nomes importantes para abrir e fechar a reflexão sobre esse gênero, sendo eles Sá de Miranda e Camões. No entanto, dá a Luís de Camões “notoriedade maior, colocando-o como o principal, e os demais em um plano inferior” (1999, p. 53). De acordo com a obra, isso ocorre porque os poetas considerados inferiores apenas imitavam os antigos, sem acrescentar suas próprias essências ou novas experiências, além de se agarrarem muito às regras clássicas, sem criar algo original. Partindo disso, o pesquisador divide o texto em alguns tópicos, sendo: Luís Vaz de Camões, Poetas Menores, A Historiografia de João Barros, A Literatura de Viagens, O Conto, A Novelística, O Teatro Clássico e A Prosa Doutrinária.

Iniciando por Camões, que em 1572 publicou sua famosa obra *Os Lusíadas*, considerada um marco na literatura portuguesa, o escritor torna-se conhecido por sua poesia

dentro e fora dos quadros literários portugueses, sempre expressando poesias de cunho popularesco ou folclórico, além de expressar novas formas de escrita, como as redondilhas. O escritor também tentou se adaptar ao teatro vicentino, mas não obteve notoriedade como as suas poesias. Um ponto importante a ressaltar é como Camões trabalhava o retrato das mulheres. Ele as utilizava como uma forma de enxergar o sentimento de amor e não como representação delas próprias, sempre partindo de uma concepção racionalista e respeitável. Diante disso, escolhemos o soneto Amor é fogo que arde sem se ver para ler com os estudantes. Além do tema do amor, Luís de Camões também trabalhava com as temáticas: Deus, razão e sem-razão de vida, colocando-os em uma poesia mais reflexiva.

Já no segundo tópico, “Poetas Menores”, Massaud Moisés nos mostra que os outros poetas do movimento foram ofuscados tanto por falta de talento, comparado a Camões, quanto por não conseguirem mostrar em sua poesia “outro significado histórico ou histórico-literário” (1999, p. 60). O autor cita: Pêro de Andrade Caminha, Frei Agostinho da Cruz, irmão de Diogo Bernardes, Sá de Miranda, entre outros. Vale ressaltar que, por mais que Camões fixasse a presença histórica do povo português por meio de sua escrita, no tópico “A historiografia. João de Barros” conseguimos perceber que João de Barros é quem é lembrado por realizar uma historiografia, se aproximando dos modelos latinos, uma vez que era de grande importância para refletir os estados das coisas, como a presença histórica do povo português. De acordo com Moisés, “Era preciso cimentar, com documentos verídicos e fatos estado observados, o chão onde se apoiava o otimismo que se difundia pelo País” (1999, p. 62).

Enquanto isso, em “A Literatura de Viagens”, a ideia era apresentar relatos de viagens, diários e roteiros, a fim de compreender novas esferas e paisagens que estavam sendo descobertas, dessa forma, fixando-as e transmitindo-as na escrita. Em relação ao tópico “O conto”, Moisés diz que a primeira manifestação se localizou em Mil e Uma Noites, mas não foi muito apreciado em Portugal. No entanto, marca Gonçalo Fernandes Trancoso como um nome que merece ser lembrado, uma vez que mistura “o sobrenatural e o real sem medo à inverossimilhança.” (1999, p. 65).

Em “A Novelística”, temos tanto a matéria cavaleiresca, que foi cultivada na Idade Média, mas que depois se nacionalizou nos padrões portugueses, quanto o romance Crônica do Imperador Clarimundo (1520), novela que fica em “torno de casos amorosos aos feitos pátrios e não mais de justas cavaleiresca.” (1999, p. 67). Os escritores desse tópico são: João

de Barros, autor da novela citada, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Francisco de Moraes, entre outros. Após, encontra-se o “O Teatro Clássico”, reconhecido por nomes como Sá de Miranda, Antônio Ferreira e Jorge Ferreira de Vasconcelos, e que, em relação ao teatro vicentino se tornou secundário, uma vez que “a falta dum autêntico talento cênico ajuda a compreender a pobreza desse teatro” (1999, p. 68).

Por fim, elencando o último tópico “A Prosa Doutrinária”, o autor comenta que deveria ter sido dividida em duas direções: laica e religiosa, porque ficou um tanto quanto dispersa ao meio literário. Ademais, Moisés aponta que, de certa forma, Camões era o principal nome desse movimento e acabaria se tornando clássico, mesmo que não existisse o Renascimento.

Ao final deste apanhado de obras que Massaud Moisés traz, conclui-se que estudar esse movimento literário (e artístico) é de extrema necessidade, uma vez que reflete todo um contexto histórico-cultural, trazendo ideias, valores e preocupações da época. Além disso, compreende-se melhor essa inovação literária cujo foi um movimento de grande importância para a literatura portuguesa em si, e, por conseguinte, o entendimento de novos gêneros, estilos e técnicas. Estudar o renascentismo nos permitiu compreender melhor a nossa própria cultura e as raízes de muitas das ideias e valores que ainda são importantes para nós hoje em dia.

2 Relato da regência e resultados

As aulas nas turmas do primeiro ano do Ensino Médio, durante o período em que realizamos o estágio, foram voltadas para conteúdos literários, como Trovadorismo, Humanismo e Renascimento. Para um recorte específico deste relato, optamos por analisar as regências sobre Renascimento, que tiveram o total de quatro aulas. A escolha desses conteúdos específicos foi do professor regente das turmas, que já iria iniciá-los assim que terminasse as aulas sobre poema; por isso sugeriu esse recorte.

Nesse sentido, consideramos que essa poderia ser uma oportunidade para investigar os ideais e as obras ligadas a esse período e, quem sabe, construir uma afeição que também motivasse os alunos. Pensando nisso, surgiu a ideia de iniciarmos o conteúdo a partir de algo instigante: obras de arte, incluindo pinturas e esculturas. A ideia ainda não estava completamente formulada até nos organizarmos com a nossa supervisora de estágio, que nos

orientou a partir de textos teóricos para estudo e com sugestões de obras para leitura e análise com os alunos.

Iniciamos a aula escrevendo no quadro a palavra Renascimento com uma flecha ligando-a até a palavra Classicismo (1527-1580), que está inserido no movimento renascentista e se difundiu amplamente em Portugal por corresponder, no plano literário, ao geral e efêmero complexo de superioridade (Moisés, 1999, p. 50). Antes de começarmos a explicação, costumávamos retomar alguns pontos principais da última aula, pois assim os alunos poderiam fazer ligações entre os temas, ainda mais no que diz respeito aos movimentos culturais que, normalmente, não ocorrem de forma homogênea. Assim, questionamos os alunos: qual o movimento de cultura que estremeceu as últimas décadas da Idade Média? Quando os alunos respondem que se tratava do Humanismo, conteúdo da última aula ministrada, iniciamos a explicação dizendo que é ele quem prepara e antecede o Renascimento, por isso alguns aspectos que nós já havíamos discutido nas aulas anteriores iriam vir à tona novamente.

Além desse questionamento inicial, sempre buscamos interagir durante toda a aula. Para isso, nos atentamos em memorizar os nomes dos alunos o quanto antes, pois isso nos aproximava deles e auxiliou no ritmo da aula. Prosseguimos com outra questão: o povo lusitano/português teve um papel de relevo na evolução do Renascimento. Vocês imaginam o porquê? Para essa pergunta, eles não souberam a resposta, o que os instigou para a explicação que veio a seguir: segundo Massaud Moisés (1999), além de alguns estudiosos portugueses colaborarem de modo direto e intenso no processo renascentista, por meio da disseminação de ideias em universidades estrangeiras, foi o alargamento do horizonte geográfico, as famosas descobertas marítimas, com suas consequências econômicas e políticas, que conferiram ao povo português relevância histórica no período que corre desde os fins do século XV até meados do século XVI.

Ainda na introdução, que nos auxiliou na análise das obras que iniciaram ainda nessa primeira aula, reforçamos que Portugal passava por grande prosperidade econômica, Lisboa tornara-se o centro comercial de primeira importância e, na corte, imperava um luxo desmedido, pois acreditava-se que havia chegado a Portugal uma inalterável grandeza material. Como consequência, explicamos que a atividade literária refletia essa atmosfera de exaltação épica e desafio financeiro. Essas duas últimas características foram escritas no

quadro com o intuito de fazermos uma pausa para introduzir, ainda de forma breve, o gênero épico.

Depois disso, fomos para a primeira análise de pintura, que se tratava, na verdade, de um afresco chamado A Criação de Adão, do pintor e escultor Michelangelo. Inicialmente, os estudantes comentaram as suas percepções iniciais a respeito do afresco, muitos falaram da passagem bíblica, em que Deus cria o primeiro Homem, Adão. Para mediar as discussões, partimos para uma análise feita em partes. Primeiro, observamos a representação de Deus, que os alunos comentaram ser um homem velho, forte, branco. Um aluno lembrou a escultura Pietá, de Michelangelo, que tínhamos visto na primeira aula ministrada, e que, assim como ela, A Criação também possuía um Deus (que em Pietà era Jesus), com traços europeizados. Acreditamos que eles tenham recordado disso, pois na aula em que apresentamos Pietá, pedimos para que pesquisassem como realmente seria Jesus de acordo com uma reportagem do canal BBC, e muitos haviam ficado surpresos com a diferença. Continuando a análise, notamos o manto de Deus e uma mulher que ele abraça, imagem que primeiro os alunos identificaram como um anjo e, somente depois, como Eva.

Já ao observar Adão, falaram sobre a beleza e os traços realistas do seu corpo. Com isso, explicamos que nesse período havia a valorização do corpo, por isso os traços e a beleza idealizada. Assim como no Humanismo, prossegue-se o ideal de valorização do humano. Comentamos também o fato de Adão estar deitado, como se acabasse de acordar para o momento em que Deus lhe transmite a vida. Notamos que os dedos de Deus e Adão quase se tocam, e que, por estar no centro da pintura, em fundo branco, nos chama atenção. Explicamos que, pela forma como a pintura foi feita, essa simetria dos membros estabelece um equilíbrio entre os dois lados - figura humana e figura divina, e reforçamos as questões do embate antropocêntrico e teocêntrico, já discutidos nas aulas sobre o Humanismo.

Ainda nesse afresco, partimos para o questionamento: vocês enxergam uma possível mensagem subliminar? Esse é um momento marcante da aula, pois esperávamos que os alunos dissessem algo relacionado ao manto de Deus assemelhar-se a um cérebro humano. No entanto, para a nossa surpresa, disseram que o manto se parecia com um coração. Ao invés de negarmos tal suposição, validamos a observação dos alunos, uma vez que lembramos a partir desse comentário que a arte comporta a polissemia e as múltiplas interpretações. Mesmo assim, apresentamos depois a nossa perspectiva, a do cérebro, uma vez que o pensamento da época contribuiu para esta hipótese, porque colocava o homem no centro do universo e

valorizava as suas descobertas científicas e filosóficas. A partir disso, as teorias sobre esse afresco giraram em torno da racionalidade, reforçadas pela ideia de que os estudos de Michelangelo envolviam os métodos científicos e a anatomia. Vale ressaltar que, para alguns especuladores, o próprio título da obra pode apresentar uma dupla interpretação: a bíblica - Deus cria Adão, e considerando o formato do cérebro ao redor de Deus, o próprio enquanto criação do homem, fruto da sua capacidade criativa e racional.

Com isso, ainda por meio dos slides, trouxemos algumas características do período que se relacionassem com os desdobramentos e as discussões a respeito dessa primeira obra, como: valorização do saber concreto, científico e objetivo em detrimento do abstrato; “homem como medida de todas as coisas” (Protágoras); sensação de plena satisfação da existência, provocada pela vitória do homem sobre a natureza, a partir do enfrentamento dos mares etc. Antes de irmos para a pintura seguinte, dissemos que não utilizamos uma frase do filósofo da Grécia Antiga, o Protágoras, por acaso, isso porque os ideais do Classicismo consistiam, antes de tudo, numa concepção de arte baseada na imitação (no sentido de seguir fórmulas e medidas) dos clássicos gregos e latinos, considerados modelos de perfeição estética.

E assim fomos para O nascimento de Vênus de Botticelli. Contamos que este pintor costumava pintar cenas bíblicas, mas, ao viajar para Roma, onde esteve exposto a muitas obras da cultura greco-romana, inspirado pelo que viu, começou a pintar cenas baseadas na mitologia. Uma delas é O nascimento de Vênus. Seguimos o mesmo caminho de análise da primeira obra e, posteriormente, analisamos os elementos isoladamente. Além da inspiração na Antiguidade Clássica, também ressaltamos outras características ligadas ao Renascimento, como a harmonia, a perfeição do corpo de Vênus, a valorização da natureza, a técnica da perspectiva e da profundidade, a noção de movimento.

Conforme desenvolve Moisés (1999, p. 51), teórico estudado para a preparação das docências, prosseguimos a segunda aula explicando que o racionalismo clássico não significa ausência de emoção e sentimento, apenas pressupõe que a razão exerce sobre eles uma espécie de controle, a fim de evitar que transbordem. Assim, estabelece-se um equilíbrio entre razão e imaginação, tendo em mente criar uma arte universal e impessoal. Isso implica atingir verdades eternas e superiores em uma concepção absolutista de arte, daí buscaram o Bem, a Verdade e a Beleza, com maiúsculas iniciais. Trata-se de um alto objetivo ético na medida em que se aproximam dos modelos greco-latinos (Moisés, 1999, p. 51).

A última pintura discutida foi a Partida de Colónia das Relíquias de Santa Auta, de Cristóvão de Figueiredo, pintor português. Primeiramente, contextualizamos os alunos diante das personalidades e dos objetos presentes na pintura. A partir disso, pedimos que notassem as joias da Santa e as suas vestimentas, pois elas reafirmam as riquezas de Portugal e a sua superioridade nesse período por conta do alargamento do horizonte geográfico, resultando em seu desafio financeiro. Além disso, ressaltamos, por meio dessa pintura, que é preciso levar em conta que, em paralelo com a cultura europeia do tempo, o ideário medieval não foi totalmente abandonado. Assim, as crenças católicas ainda eram muito presentes, coexistindo as duas formas de cultura - medieval e clássica.

A contar deste momento, relembramos com os alunos que a atividade literária reflete essa atmosfera de exaltação, coragem e riquezas do povo português. Assim, temos Luís Vaz de Camões, o “gênio maldito”, sondando o mundo do “eu”, da mulher, da Pátria, da vida e de Deus. Anunciamos para os alunos que iríamos estudar uma das obras mais importantes e reconhecidas desse poeta: Os Lusíadas. Anotamos os nomes no quadro juntamente com as características da épica e prosseguimos. Os alunos não o conheciam, por isso, achamos importante revelar o valor que essa obra possui, principalmente no que diz respeito ao símbolo de luta de um povo e a consolidação da língua portuguesa, que foi elevada por esse poeta principalmente ao escrever um poema épico utilizando-a. Nessas reflexões, discutimos também sobre a formação da nossa língua como conhecemos hoje, e comentamos sobre os países que falam a língua portuguesa - os alunos não imaginavam que fossem tantos para além de Brasil e Portugal.

Na terceira e na quarta aula, quanto à obra de Camões, estudamos a sua estrutura e divisões (proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo). Para leitura, optamos pelo Canto V, do Gigante Adamastor, mas antes de a iniciarmos, decidimos exibir um vídeo da plataforma *youtube* sobre o mito que envolve o gigante e como os portugueses, especificamente Vasco da Gama, o enfrentaram. A partir do vídeo, os alunos ficaram mais instigados a ler o Canto - o clima de terror e suspense também os provocou. Com isso, no momento da leitura, que foi compartilhada, todos ficaram bem atentos, não estavam interessados em perder qualquer detalhe dos acontecimentos ocorridos no Cabo das Tormentas.

Depois, retomamos estrofe por estrofe, tecendo comentários. Analisamos, por exemplo, que o herói da epopeia representa não apenas o indivíduo singular, mas sobretudo o

heroísmo de todo um povo. O que mais chamou a atenção dos alunos foi a exaltação da coragem dos portugueses, até mesmo pelo próprio gigante, o que reforça a característica da épica. Além disso, notamos a coexistência dos mitos com a religião católica, pois Vasco da Gama começa a rezar depois que o gigante vai embora, pedindo que as profecias feitas contra o povo português não se realizem. Logo, a partir do próprio texto pudemos analisar as características do gênero e relacioná-lo com o período do Renascimento em Portugal.

Por fim, com o intuito de os alunos conhecerem outros escritos de Camões, decidimos levar o famoso soneto Amor é fogo que arde sem se ver para os alunos. Ademais, sendo lírico, os alunos poderiam compará-lo com os versos do episódio do Gigante Adamastor, notando as suas diferenças. A maioria da sala nunca tinha ouvido falar desse poema, então no momento da leitura foi uma novidade para eles, que gostaram bastante, ainda mais depois da explicação, em que retomamos cada uma das estrofes.

Durante a discussão do poema, cada um tinha uma opinião sobre o sentimento amoroso, então decidimos que eles poderiam escrever alguma estrofe (terceto ou quarteto) que também poderia estar no soneto de Camões. Enquanto eles escreviam, apresentamos a canção Monte Castelo, do Legião Urbana. Não iríamos trazer essa música, pois achávamos que já era muito conhecida. Porém, quando os alunos disseram que não a conheciam, ou melhor, que não sabiam quais músicas essa banda tocava, nos vimos obrigadas a apresentá-la aos estudantes.

O resultado das produções escritas foi muito positivo. Os alunos mostraram ter grande sensibilidade, criatividade e uma vontade de demonstrar exatamente aquilo que sentem, até mesmo no estilo de Camões, com suas antíteses. Portanto, finalizamos este relato com alguns versos dos alunos: “Amor é uma busca implacável/ como um pirata busca um tesouro/ sempre tentando se achar por muitos/ e encontrado por poucos.” (Helo); “Amar é confuso mas compreensível/ é se afogar em um deserto/ onde se vive a vida sem lucidez.” (Bryan); “Os cabelos ruivos ardem como fogo/ seu olhar/ uma chama em mim.” (Gabriel); “Ser amado sem ceder amor/ Ceder amor sem ser amado/ Amor não se pede, se dói.” (Vilson); “O amor é morrer sem estar morto/ É querer ser visto por outro/ Chorar e sangrar/ É querer parar de amor.” (Clara); “Um sentimento inexplicável/ a explicação/ será isso o Amor?” (Renan).

Considerações finais

A leitura e o estudo de textos literários, quando estimulados, produzem efeitos que refletem não apenas durante esse período de aprendizagem dos alunos, mas na vida toda. Pensando em nosso curto espaço de tempo para produzir exercícios e avaliações, privilegamos esse momento para desenvolver aulas mais dinâmicas, diferentes das que os alunos estavam habituados. Assim, eles se expressaram, discutiram e analisaram sem o peso de conhecer aquele conteúdo para uma atividade que valeria nota, mas pela própria curiosidade e apreciação. No momento em que trouxemos as obras para estudarmos as características do período renascentista, ao invés de textos teóricos prontos e acabados, levamos as próprias produções artísticas da época, o que fez com que os alunos se posicionassem como indivíduos ativos diante daquele conteúdo, pois precisaram refletir por meio das suas próprias inferências, relacionando-as com os conhecimentos que havíamos levado a eles.

Acreditamos que esse tipo de prática marca os alunos. Isso ficou claro quando levamos os poemas de Camões, pois, durante as análises, eles retomavam explicações de outras de nossas aulas para contribuir na discussão. Além disso, quando também mostramos interesse pelo conteúdo e o explicamos por meio da linguagem dos alunos, eles passam a se atentar pelo que estávamos dizendo. A partir disso, vamos enriquecendo aos poucos e trazendo novas informações e letramentos, que podem acrescentar em suas aprendizagens. A interação, por sua vez, é essencial, quando o aluno se sente ouvido e validado, o interesse em se posicionar e conhecer para ter como argumentar também é estimulado. E foi isso que buscamos fazer durante todas as aulas, o que acreditamos que funcionou, considerando o fascínio dos estudantes diante de um despertar que apenas a literatura é capaz de possibilitar.

REFERÊNCIAS

BOTTICELLI, Sandro. **O Nascimento de Vênus**. 1484-1486. Galleria degli Uffizi, Têmpera sobre tela, 172,5 cm x 278,5 cm.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 de abril, 2023.

BUONAROTTI, Michelangelo. **A Criação de Adão**. Capela Sistina, 1511. Afresco, de 280 cm x 570 cm.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto: Porto Editora Ltda, s/a.

FIGUEIREDO, Cristóvão de. **Partida das relíquias de Santa Auta de Colónia**. 1462. Mosteiro da Madre de Deus, 67 cm x 72 cm.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 30 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Os Lusíadas: entre o mito e a história de Portugal. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe. Disponível em:

https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17324916022012Literatura_Portuguesa_I_Aula_9.pdf Acesso em: 10 de abril de 2023.